

A inteligência socioemocional no 1º ano do ensino fundamental na perspectiva de professores

Socio-emotional intelligence in the 1st year of elementary school from the perspective of teachers

Submissão: 18/12/2020 | Aceite final: 27/12/2020

Jéssica Maria Amorim de Carvalho | Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil | E-mail: jessicama.amorim@gmail.com

Resumo

Os estudos sobre inteligência socioemocional apresentam sua influência sobre a educação básica e a crescente necessidade de práticas pedagógicas que laborem as emoções das crianças, de modo a proporcionar um olhar para o desenvolvimento integral dos indivíduos. O presente estudo tem como objetivo descrever o conceito de inteligência emocional e a perspectiva de professores do Ensino Fundamental I. O trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa, que utiliza como instrumento de coleta de dados questionários aplicados via google formulários, bem como um levantamento bibliográfico que oportunizou relacionar o que dizem os teóricos com as respostas dos entrevistados. Participaram da pesquisa dez professoras da educação básica que atuam ou já atuaram no 1º ano do Ensino Fundamental I. No estudo elencamos temas relacionados a educação socioemocional, como o significado de Inteligência Emocional; a relação entre as habilidades emocionais e a transição da educação infantil para o ensino fundamental I; as dimensões emocionais nas relações professor-criança e criança-criança; as habilidades emocionais avaliadas nos relatórios dos educandos; e à relação família-escola e sua conexão com a Inteligência Emocional. Compreendemos que práticas pedagógicas concernentes à educação socioemocional já vêm sendo desenhadas há algum tempo, porém ao se criar o termo Inteligência Emocional essas ações ganharam uma maior notoriedade. Inferimos que diante de uma sociedade tão célere, que está em constante transformação, é imprescindível que haja um olhar diferenciado para as emoções em sala de aula, para as subjetividades dos educandos, principalmente na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I, em que há uma mudança brusca de metodologias.

Palavras-chave: Alfabetização; Inteligência Socioemocional; Afetividade; Lúdico.

Abstract

Studies on socio-emotional intelligence show their influence on basic education and the growing need for pedagogical practices that work with children's emotions, in order to provide a look at the integral development of individuals. This study aims to describe the concept of emotional intelligence and the perspective of elementary school teachers. The work is a qualitative research, which uses questionnaires applied via google forms as a data collection instrument, as well as a bibliographic survey that made it possible to relate what the theorists say with the respondents' answers. Ten teachers of basic education who work or have worked in the 1st year of Elementary School participated in the research. In the study we list themes related to socioemotional education, such as the meaning of Emotional Intelligence; the relationship between emotional skills and the transition from early childhood education to primary education I; the emotional dimensions in teacher-child and child-child relationships; the emotional skills assessed in the students' reports; and the family-school relationship and its connection with Emotional Intelligence. We understand that pedagogical practices concerning socioemotional education have been being designed for some time, however, when the term Emotional Intelligence was created, these actions gained greater notoriety. We infer that in the face of such a fast-paced society, which is constantly changing, it is essential to have a different look at the emotions in the classroom, at the subjectivities of the students, especially in the transition from Early Childhood Education to Elementary School I, in which there is a sudden change in methodologies.

Keywords: Literacy; Socioemotional Intelligence; Affectivity; Ludic.

Introdução

A escola é um espaço de construção de aprendizagens que vai muito além dos saberes científicos, intrínseca a ela estão os saberes populares vivenciados pelos alunos nos seus mais variados contextos. Assim como cada indivíduo é único e possui suas subjetividades, cada instituição também tem suas particularidades. Desse modo, podemos observar o ambiente escolar como um lugar interativo, compartilhado por grupos de indivíduos, que estão em constante troca de saberes, o que auxilia na compreensão de si

mesmo e do lugar ao seu redor, bem como incide na formação de condutas e construção de identidades.

A pluralidade em sala de aula é algo que possibilita a construção de experiências, a percepção das diferenças nos permite construir uma consciência de grupo, de respeito, e principalmente de equidade. Dentro de sala temos de trazer esse espírito de coletividade, com a consciência de que cada indivíduo traz suas bagagens e elas devem ser valorizadas, porém também devemos compreender que os sujeitos não apenas trazem suas particularidades, mas as constroem dentro da rotina escolar.

Compreendemos que o ambiente escolar deve ser um lugar que incentive práticas significativas, que façam sentido para os alunos e que levem em consideração seus conhecimentos prévios, de modo a refletir em processos de ensino e aprendizagem, tal conjuntura oportuniza o sentimento motivacional, de compartilhamentos de experiências.

Nessa perspectiva, Bueno (2001) afirma que a escola é um importante espaço de socialização e se torna um centro de referência pessoal que marca os sujeitos que permeiam o lugar. E por possuir essa característica pluralista, podemos encontrar na escola, algumas situações consideradas de indisciplina, partindo do conceito de que a indisciplina é uma manifestação do aluno contraria as regras.

A sala de aula não é um lugar homogêneo, no qual todos seguem um padrão dentro e fora da escola ou pensam e possuem atitudes iguais (COSTA, 2019; CÂMARA, 2020; CARDOSO, 2019; GOMES, 2019; MATIAS, 2019; MELO, 2019a; MELO, 2019b; SANTOSb, 2020; SILVA, 2019). Silva et al, (2005) fala que é necessário levar em consideração as vivências dos alunos e que também são nessas vivências, fora da escola, que se encontram os fatores/motivadores para o comportamento de indisciplina dentro da escola.

Nessa perspectiva o que alguns consideram indisciplina pode na verdade ser desencadeado por questões mais profundas, relacionadas ao socioemocional do indivíduo, que apenas se manifestam diante das frustrações que lhe são impostas. Por isso, é imprescindível que o professor tenha um olhar diferenciado para cada educando e perceba que certas atitudes muitas vezes mascaram alguma situação vivenciada pelos alunos.

Então, se faz necessário que o ambiente seja acolhedor, que procure ensinar e estimular os valores éticos, morais, para que educandos e educadores consigam exercer seus direitos, sem ferir os direitos do próximo. Nessa perspectiva, Borges, Almeida e Mozzer (2014 p. 140), discorrem a respeito do trabalho do professor quando afirmam que

A característica principal do trabalho do professor é de cunho intelectual, ou seja: demonstrado através de uma produção intelectual que pensa, compreende, analisa e transforma a realidade do aluno e dos espaços sociais nos quais este professor está inserido. Isso significa que o trabalho do professor não é meramente técnico ou especializado num único saber. Neste contexto, a escola existe para pensar a realidade e levar o aluno a entender a lógica constitutiva da sociedade. A aula deve ser um instrumento vivo de produção de pensamento, compreensão desta realidade e constituição da subjetividade do sujeito.

É relevante mencionar que o currículo da educação básica é constituído pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, além disso se torna uma base para que os sujeitos possam evoluir socialmente, em seus estudos posteriores e em seu trabalho (BEZERRA, 2019; DANTAS, 2019; FONSECA, 2019; LOPES, 2020; MARQUES, 2019; SANTOSA, 2020). A educação básica é norteadada pela Lei nº 9.394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCN), pelo Plano Nacional de Educação (PNE), pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pela Constituição da República Federativa do Brasil e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, (2017 p.34):

Ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar.

Enfatizamos que para atender a todos com qualidade, a instituição escolar deve seguir as transformações sociais, inferimos que é necessário refletir sobre o atual modelo de educação, e que as instituições e práticas curriculares vigentes devem estar alinhadas

às necessidades de uma sociedade que reivindica equidade, igualdade e inclusão. Para tanto, há necessidade de mudanças no eixo escolar que promovam estratégias pedagógicas e crie situações de aprendizagens agradáveis e motivadoras para os estudantes.

Isto posto, devemos considerar que por meio do trabalho com as múltiplas inteligências, em específico a emocional, o ambiente escolar ganhou novas facetas e atribuições, com a necessidade de repensar e transformar as ações existentes na escola, como por exemplo, a utilização de diferentes recursos tecnológicos em prol do processo de escolarização dos sujeitos.

Na infância, as crianças muitas vezes têm dificuldades de se expressar, não sabem como controlar suas emoções e frustrações, e acabam se comunicando por meio de choros, comportamentos que podem ser taxados como agressivos, ou incompreendidos. O trabalho com a inteligência emocional proporciona um local de fala para criança, além de possibilitar o reconhecimento e aprendizado relacionado as suas emoções.

Assim, a emoção consiste naquilo que une o indivíduo à sua vida social pelo que pode haver de mais fundamental na sua existência biológica, e esta ligação não sofrerá ruptura, embora as reações orgânicas da emoção tendam a esbater-se a medida que a imagem das situações ou das coisas se intelectualiza. Existem ao mesmo tempo solidariedade e oposição na consciência entre o que é impressão orgânica e imagem intelectual. Entre as duas não param de desenrolar ações e reações mútuas que mostram como vão as distinções de espécies que os diferentes sistemas filosóficos fazem entre matéria e pensamento, existência e inteligência, corpo e espírito.

Nessa perspectiva, podemos refletir que a relação entre inteligência e emoções (WALLON, 1963; ALMEIDA,1999) está baseada na forma em que reagimos a determinadas situações, sejam elas de felicidade, competitividade ou frustrações. Pereira (2002) traz uma definição de inteligência emocional baseada na aprendizagem de algumas habilidades:

A inteligência emocional está relacionada ao desenvolvimento de inúmeras habilidades, tais como: motivar-se e persistir face de frustrações, controlar impulsos, canalizando emoções para situações apropriadas, praticar gratificação prorrogada, motivar pessoas, ajudando-as a liberarem seus melhores talentos e conseguir seu engajamento os objetivos de interesse comum. (PEREIRA, 2002, p. 12).

Desse modo, a Inteligência Emocional (I.E) e suas práticas podem se tornar abrangentes, e até destoantes da educação infantil, porém reconhecer seus sentimentos não se trata necessariamente de analisá-los, e com crianças pequenas isso pode se apresentar como a consciência de seus sentimentos em situações específicas, como responder a certos estímulos, as atitudes mais adequadas para determinadas ocasiões.

Isto posto, a pesquisa se propõe a compreender o significado de inteligência emocional e a percepção de profissionais da educação básica sobre a temática, com foco na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I, bem como as práticas docentes realizadas dentro desse cenário.

É relevante mencionar que nos últimos anos vem aumentando os casos de crianças e adultos que tem dificuldades de gerenciar suas emoções, o que pode acarretar doenças e dificuldades de aprendizagens. Dessa maneira, pretendemos compreender esse novo conceito, se ele de alguma forma modificou a forma de trabalho dos docentes e como eles percebem o trabalho da I.E. em suas práticas pedagógicas. A partir desses dados poderemos perceber como a I.E. influencia a prática docente, se há alguma relação positiva entre o processo de alfabetização e a educação emocional, e como isso ocorre.

Na atual conjectura a I.E. se mostra uma importante ferramenta para que as crianças compreendam suas emoções, e apreendam a se expressar, levando em consideração a importância de suas ações e das ações do outro, e as consequências geradas por ambas. Dessa maneira a I.E pode se tornar uma das possíveis formas de conhecimento sobre o outro e principalmente sobre si mesmo.

O referido tema começou a ser motivo de reflexão pessoal após algumas experiências no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID) e na disciplina de estágio obrigatório, vivenciadas nas séries iniciais. Em ambos os casos tive contato com crianças que apresentavam comportamentos que poderia se mostrar agressivo, porém se tornou perceptivo que esse modo de se expressar, que muitas vezes

foi caracterizado como indisciplina, era apenas a forma que conheciam de externar seus sentimentos e frustrações, devido a realidade vivida dentro e fora da escola. Desse modo, os olhares se voltaram para a educação emocional e como poderíamos trabalhar o tema com as crianças, demonstrar que eles poderiam ter outras formas de se expressar, bem como passar a compreender o que realmente sentiam. Assim percebemos que a I.E. se trata de um tema de grande relevância, que deve ser trabalhado nas salas de aula de forma lúdica, e que pode trazer inúmeros benefícios para o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é descrever o conceito de inteligência emocional na perspectiva de professores do ensino fundamental I.

Educação infantil e a inteligência emocional

A educação infantil é a porta de entrada do ensino escolarizado para as crianças pequenas, que passam a ter contato com outros sujeitos que não fazem parte de seu meio social até então, tendo em vista que inicialmente os pueris tem como instituição primária a sua família. Essa mudança pode acarretar sentimentos negativos e frustrações, o ambiente escolar passa a contribuir nas vivências e experiências infantis, aprendizagens sobre o seu mundo, o outro e si mesmo. Um dos princípios dessa educação é pautado no lúdico, que possibilita a construção de aprendizagens por meio das brincadeiras, das vivências. “[...] É o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação social” (BRASIL, 1998a, p.13).

Alves (2008) defende que na educação infantil o lúdico é tido como um princípio norteador, de forma a ser naturalizado naquele ambiente, desse modo ele “[...] é valorizado naquilo que ele pode contribuir para o desenvolvimento da criança”.

Porém ao chegar nos anos iniciais percebemos uma quebra nessa metodologia de ensino, que em alguns casos desconsideram a importância do lúdico, e acabam por adultizar as crianças. Além disso, os educandos ainda são apresentados a uma rotina diferenciada, pautada na educação bancária e que em muitos casos prioriza o aprendizado padronizado em detrimento da valorização das diferenças. Bem como, a diminuição ou desvalorização dos momentos de ludicidade. Isto posto podemos nos remeter a Finco e Oliveira (2011, p. 78) que defendem a: “pedagogia das diferenças, da pequena infância, que possa reconhecer e respeitar as diferenças das crianças e de seus contextos de vida, bem como compreendê-las enquanto atores sociais que também infletem o mundo adulto a partir de sua forma de ser, a partir das culturas infantis”.

Assim, a educação tem a responsabilidade de ser um espaço que auxilia na construção da identidade, no conhecimento, e reconhecimento de si próprio, além da valorização das diversidades.

É importante mencionar que a estrutura escolar conjuntamente com as ações do professor contribuem diretamente nas brincadeiras e que por meio do brincar, as crianças recriam e ponderam sobre as ações e vivências, com uma perspectiva sobre o desenvolvimento das crianças com práticas mediadas pelo diálogo, de modo que a interação seja o eixo direcionador de linguagens e expressões que ressonam nos modos de agir e sentir da criança, contribuindo e auxiliando na desenvoltura das habilidades afetivas, motoras, emocionais e éticas que fomentam a educação infantil. Segundo o Referencial Nacional Curricular para a Educação Infantil.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagem orientados de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis e relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso pelas crianças ao conhecimento mais amplo da realidade social e cultural. (BRASIL 1998, p.24)

Nesse cenário, as crianças estão em volta de sentimentos e conflitos que devem ser reconhecidos e trabalhados, a fim de que possam aprender a gerenciá-los, e aprimorar sua saúde emocional. De acordo com Carneira 2012 (p.5) "a educação deve evoluir no sentido da integração emocional, um educar para emoções e para as múltiplas inteligências".

Desse modo percebemos a importância da transformação educacional de acordo com as mudanças sociais, isso é corroborado por Abed (2014, p. 7) ao citar que a transformação escolar se manifesta como um produto social.

Um exemplo dessa transformação educacional pode ser visto na perspectiva psicogenética da alfabetização. Como defende Soares e Batista (2004) a alfabetização passou a ser observada de uma nova óptica, em que a criança não deve ser dependente do professor, mas se torna um sujeito ativo nesse processo. Do mesmo modo o que antes era considerado um defeito ou falha, que acabava por propiciar desapontamentos, passou a ser percebido como erros construtivos que oportunizam a construção de um saber.

Defendemos que o período de alfabetização tanto pode ser um momento de frustrações, de experiências negativas, dependendo da forma de mediação, como também pode ser um período de reflexão sobre suas aprendizagens.

A educação emocional pode auxiliar nesse processo e possibilitar o alcance de uma educação integral, ao trabalhar as emoções também estamos nos reconhecendo como sujeitos sociais. Alcina (citado Cardeira 2012, p. 6) relata que a educação emocional é um processo contínuo de aprendizagem ao longo da vida e pode ser encarada como prevenção frente a contextos adversos, bem como minimiza a possibilidade de doenças como a depressão, ansiedade, estresse.

A educação emocional vai auxiliar também nas escolhas atitudinais, ou seja, em seu cotidiano, assim sofre interferência do contexto em que a criança vive. Ou seja, precisamos compreender as razões que levam as crianças a agirem de determinadas maneiras, e que isso geralmente tem influência do seu contexto social.

O desenvolvimento emocional do ser humano se dá, fundamentalmente, em três fases : a aquisição — refere-se á expresso e á percepção das emoções, momento no qual o indivíduo, além da aquisição e prática das diferentes emoções, também dá a elas um “toque pessoal” ; o refinamento — refere-se ás modificações das emoções, principalmente em função do seu meio social e cultural — pode refletir tanto um aguçamento de emoções, quanto um afastamento em relação a um comportamento específico ; as transformações — referem-se ás mudanças nos sistemas de processamento das emoções, como na forma de pensar ou reagir diante de determinada situação.

Dessa maneira, podemos nos remeter ao conceito de inteligência emocional trazido por Tessaro e Lampert (2019) que tratam a I.E. como uma competência que pode auxiliar na compreensão das emoções relacionada a si mesmo e ao próximo, enfatizando que possibilita a consciência e enfrentamento dos sentimentos. Ou seja, se torna um instrumento que auxilia a defrontar com situações diferenciadas. Tessaro e Lampert (2019, p. 2) também salientam que a “inclusão da Psicologia no ambiente escolar possibilita a realização de intervenções, especialmente de atividades de prevenção que auxiliem no desenvolvimento emocional dos alunos”.

Isto posto, podemos compreender o papel da escola e em específico do professor como mediador desse processo de educação emocional, por meio de práticas que auxiliam seu reconhecimento. Segundo Almeida (2008, p 353):

A relação mantida em sala de aula com os alunos também deve ser cultivada com sentimentos positivos. Durante o ensino da matéria, o professor deve procurar evitar desgosto ou opressão e criar um clima

de igualdade de expressão e oportunidades entre todos, evitando, assim, um tratamento desigual entre os alunos.

Não estamos debatendo que a educação emocional deveria ser priorizada em detrimento do processo de ensino e aprendizagem, mas que ela deve ser parte desse processo. Assim como defende Abed (2016, p 11) “reinserir as habilidades socioemocionais na proposta pedagógica das escolas é considerar os seres que comparecem à escola em sua integralidade”.

Cruvinel & Boruchovitch, (2010) citados por Tessaro e Lampert (2019, p. 2), discorrem que estratégias lúdicas e dinâmicas podem ajudar no processo de desenvolvimento dessas habilidades emocionais, de modo a oportunizar ao alunado o desenvolvimento de mecanismos de gerenciamento emocional.

Também salientamos que essa proposta de educação emocional, e de perceber as crianças em sua “integralidade” é algo que não destoaria do que defendem os teóricos ao tratar da afetividade, do lúdico na educação infantil, da importância das brincadeiras como ferramenta de aprendizagem. Abed (2016) defende que apesar de não ser algo novo a construção do ideário do desenvolvimento integral do ser humano ainda é algo inovador.

É necessário ressaltar a importância da relação família-escola nesse contexto, sabemos que existem muitos casos em que isso é complexo, seja devido ao grupo social em que a criança está inserida e que nem sempre é uma instituição familiar ou a grande quantidade de crianças que vivem em casas de passagem, que foram retirados do ambiente familiar para sua própria proteção.

O fato é que a escola não pode ser a única responsabilizada pelo desenvolvimento integral dos alunados. (Abed, 2016, p 17) discorre sobre a necessidade da interação entre família e escola, ao defender que “o desenvolvimento das habilidades socioemocionais seja promovido no ambiente escolar não implica em isentar a família, a sociedade, as políticas públicas”.

Como discorre Borges, Almeida e Mozzer (2014) a família e a escola tem incumbências distintas. Além disso, Almeida ainda enfatiza a importância dessas diferenças ao defender que

[...] são as diferenças de estabilidade e estrutura dos meios que proporcionam à criança o crescimento enquanto indivíduo e a

constituição do seu eu para, posteriormente, associar-se aos grupos, conforme seus interesses e vontade. Dessa maneira, não devem ser igualadas relações como a dos pares mãe-filho e professor-aluno que são funcionalmente distintas (ALMEIDA, 1994, p. 99)

Outro ponto a ser mencionado é a influência que a educação emocional pode gerar no futuro das crianças, em sua fase adulta. Abed (2016) cita que essa interferência pode ser comprovada por meio do estudo de James Heckman, da Universidade de Chicago, que defrontou dois grupos de indivíduos originários de famílias com baixa renda. O estudo apontou que os sujeitos que tiveram a oportunidade de participar do programa "Perry Preschool Project", voltado ao desenvolvimento socioemocional de crianças de 3 a 5 anos, mostraram [...] "apresentavam menores taxas de abandono escolar, desemprego, envolvimento em crimes e gravidez na adolescência" (ABED, 2016, p. 15).

Abed (2016, p. 16) também aponta os domínios das habilidades socioemocionais, chamados de Big 5, sendo eles:

- Openness (A abertura a experiências): estar disposto e interessado pelas experiências - curiosidade, imaginação, criatividade, prazer pelo aprender;
- Conscientiousness (Conscienciosidade): ser organizado, esforçado e responsável pela própria aprendizagem - perseverança, autonomia, autorregulação, controle da impulsividade;
- Extraversion (Extroversão): orientar os interesses e energia para o mundo exterior - autoconfiança, sociabilidade, entusiasmo;
- Agreeableness (Amabilidade – Cooperatividade): atuar em grupo de forma cooperativa e colaborativa - tolerância, simpatia, altruísmo;
- Neuroticism (Estabilidade emocional): demonstrar previsibilidade e consistência nas reações emocionais - autocontrole, calma, serenidade.

A sala de aula é um ambiente de construção de saberes e multiplicidades. Mas devemos esclarecer o papel do professor e da escola nesse contexto. Desse modo podemos nos remeter a fala de Abed (2016, p. 24).

A sala de aula não é, e não deve, ser um contexto terapêutico, portanto

desenvolver habilidades emocionais na escola não diz respeito a diagnosticar ou tratar o que quer que seja. Refere-se, outrossim, a resgatar a multiplicidade de aspectos inerentes a qualquer vivência humana.

Nessa perspectiva, podemos enfatizar que não devemos observar o docente como o profissional responsável por sozinho propiciar práticas pedagógicas e um ambiente favorável construção das habilidades socioemocionais, esse deve ser um trabalho conjunto, da comunidade escolar que envolve diversos atores sociais.

Metodologia

O trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa. Como cita Stake (2001, p.21) “[...] seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana”. Dessa maneira, é possível aferir problematizações evidenciadas por meio da inteligência emocional na educação, com a apresentação de suas particularidades nas práticas pedagógicas. “A pesquisa qualitativa responde questões muito particulares, ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (MINAYO, 2004, p. 21).

Dessa maneira, utilizaremos a aplicação de questionários, para compreender a visão dos profissionais que estão in loco, de como a inteligência socioemocional pode ser observada no 1º ano das séries iniciais, se às práticas pedagógicas vem se modificando e como os professores percebem sua importância dentro da perspectiva da infância.

Mediante as respostas obtidas por meio da realização de questionários foi possível conhecer a perspectiva de alguns docentes com relação ao conceito de inteligência emocional e às ações que auxiliam o seu desenvolvimento, levando em consideração as especificidades dessa prática pedagógica e a necessidade de um constante aprimoramento.

Devemos enfatizar que inicialmente a pesquisa deveria contar com questionários e entrevistas, de modo a permitir que tivéssemos um olhar tanto na descrição dos profissionais, quanto em sua fala sobre o assunto, mas devido a atual situação mundial de pandemia em 2020, decidimos modificar a metodologia de modo a fazer apenas questionários, assim, não tivemos contato pessoal com os envolvidos na pesquisa.

No que se refere a criação do questionário pensamos em questões discursivas, que nos permitissem compreender o perfil dos professores, com relação a sua carreira

profissional, o seu entendimento sobre a inteligência socioemocional, a importância das relações interpessoais dentro e fora da escola, a descrição da sua forma de trabalho. Dessa maneira, os profissionais poderiam tentar rememorar e refletir sobre a sua prática.

Para tanto, definimos no google formulários que a maioria das questões deveriam ter um espaço longo para resposta, de modo a deixar os participantes à vontade para se colocarem. Abaixo podemos observar as questões (Quadro 01).

Quadro 01: Questões utilizadas para a pesquisa

Questões da pesquisa	
1	Qual a sua formação?
2	Há quanto tempo atua no 1º ano das series iniciais?
3	Em que turma está atuando este ano?
4	Para você o que significa Inteligência Emocional?
5	Como observa a relação entre as habilidades emocionais e a transição da educação infantil para o ensino fundamental I?
6	Fale sobre as dimensões emocionais nas suas relações com as crianças e nas relações criança-criança
7	Quais as habilidades emocionais são avaliadas nos relatórios das crianças?
8	Comente sobre a relação família e escola e suas conexões com a Inteligência Emocional

No que se refere à discussão das respostas obtidas utilizaremos os ideários de Abed (2014) que no estudo “O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica”, versa sobre os fundamentos teórico metodológicos relacionados à inteligência socioemocional e os seus impactos no processo de ensino e aprendizagem dos educandos; Almeida (1999) que em seu livro “Emoção Na Sala de Aula” nos faz refletir sobre as importantes contribuições de Wallon para a educação socioemocional e a relação do lúdico nesse processo; e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que traz orientações para nortear o currículo da educação básica.

Resultados

A pesquisa foi realizada com dez professores da educação básica que atuam ou já atuaram no 1º ano do Ensino Fundamental I, anos iniciais. Todos os participantes são formados em

pedagogia sendo que cinco atuam na rede pública de ensino e cinco na rede privada, além disso, todos já trabalharam ou ainda trabalham com alfabetização. Ao todo foram realizadas oito perguntas já descritas acima, porém alguns profissionais não responderam a todas as perguntas, desse modo, tivemos apenas nove questionários completos. Devido o atual cenário pandêmico os questionários foram aplicados via google formulários, dessa maneira, não foi possível um contato pessoal com os participantes.

Para fins de organização iremos comentar cada pergunta e suas respectivas respostas de modo a tentar compreender a perspectiva dos professores no que se refere a inteligência emocional e apenas ao final partindo da óptica dos participantes faremos uma análise geral, sobre as práticas pedagógicas e sua relação com a Inteligência emocional.

O significado de inteligência emocional

Na primeira pergunta relacionada a I.E., queríamos saber o que eles entendiam por inteligência emocional, obtivemos 10 respostas que serão apresentadas abaixo. (Quadro 02).

Quadro 02. Respostas obtidas na pergunta 4: Para você o que significa Inteligência Emocional?

Professor	Resposta
1	"As habilidades desenvolvidas pelos seres humanos ao lidar com suas emoções na interação e vivências do seu cotidiano".
2	"A flexibilidade e maturidade de resolução de problemas e conflitos que surgem em nossa vida".
3	"A inteligência emocional é aquela em que você consegue lidar com suas emoções e a usa em seu benefício e da outra pessoa com quem convive. Você consegue ter olhar de empatia".
4	"Capacidade de lidar com as emoções".
5	"Reconhecer suas próprias emoções e sentimentos e ter habilidade para compreender mudanças apresentadas em seu cotidiano"
6	"Capacidade de lidar com as emoções".
7	"Saber lidar com as emoções, como expressá-las de uma forma mais clara, saber compreender as pessoas ao nosso redor e seus sentimentos..."
8	"Significa trabalhar com as emoções".
9	"Compreendo Inteligência Emocional como a forma de saber lidar, identificar, controlar seus sentimentos respeitando os do próximo".
10	"Saber lidar com os próprios sentimentos e emoções".

Nas respostas da primeira pergunta conseguimos identificar um fator comum, todas falam que a inteligência emocional está de alguma forma relacionada as emoções, seja como possibilidade de reconhece-las, controlá-las, lidar com as suas próprias emoções e com as do outro, além de construir uma percepção de si mesmo como ser social.

Nesse sentido, Abed (2014) discorre sobre essas emoções tanto por parte dos alunos quanto dos professores, além de enfatizar que somos seres sociais, que estão a todo momento se relacionando seja com as pessoas ou com o ambiente ao seu redor. Reconhecer que todo tem essas emoções auxilia a construção de empatia. “[...] Todos nós rimos, choramos, sofremos, nos encantamos, desejamos, fantasiemos, teorizamos [...]” (ABED 2014, p. 8).

A I.E. se mostra uma estratégia pedagógica, quando refletimos sobre a importância de reconhecer e trabalhar essas emoções para que não tragam angustias e sentimentos que se não trabalhados possam atrapalhar o desenvolvimento escolar e social do alunado. Alguns dos participantes da pesquisa também reconheceram a possibilidade de se trabalhar a Inteligência socioemocional com foco na resolução de problemas e para a convivência em sociedade, tendo em vista que a empatia e o respeito para com o próximo são elementos essenciais para um bom convívio social.

Conforme Lima et al (2019), as emoções tanto podem trazer benefícios quanto prejuízos para o processo de ensino e aprendizagem, isso vai depender de como são trabalhadas, se forem estruturadas podem proporcionar a construção de processo criativo, motivacional e colaborativo; porém se forem ignoradas podem ser um ponto inicial para conflitos internos e externos.

Relação entre as habilidades emocionais e a transição da educação infantil para o Ensino Fundamental I

Na segunda pergunta relacionada a I.E. queríamos entender como o professor percebe a relação entre as habilidades emocionais e a transição da educação infantil para o ensino fundamental I, obtivemos 10 respostas que serão apresentadas abaixo. (Quadro 03).

Quadro 03: Respostas obtidas na pergunta 5: Como observa a relação entre as habilidades emocionais e a transição da educação infantil para o ensino fundamental I?

Professor	Resposta
1	“É de extrema importância porque influenciam no avanço do processo alfabetizador e na conquista da autonomia da criança”.
2	“Um processo cheio de conflitos internos da criança para a construção de sua autonomia e conhecer-se como sujeito de seu processo educacional”.
3	“A criança com a habilidade emocional desenvolvida, terá uma transição

	tranquila”.
4	“Equilíbrio e processo”.
5	“A criança que tem suas habilidades emocionais trabalhadas, ela compreender a mudança de ciclo e sentir-se segura para uma nova fase, embora ainda não tenha propriedade de como será”.
6	“São muito valorizadas na educação infantil e quando chega no ensino fundamental há uma ruptura e as habilidades emocionais ficam como coadjuvantes no processo”.
7	“Esse momento é bastante delicado para o emocional das crianças, acontecem muitas mudanças. É importante saber lidar de alguma forma com os enfrentamentos”.
8	“Se faz necessário um bom planejamento, ser flexível para que nessa fase ele supere com segurança”.
9	“É necessário um equilíbrio entre as mudanças, para que a adaptação do aluno não seja de forma brusca, principalmente no que diz respeito ao acolhimento afetivo”.
10	“Para a criança é uma nova situação vivenciada e nesse contexto tem que ser considerado as suas especialidades, considerado a presença do lúdico pedagógico e as adaptação gradativa da nova rotina e formato de atividades que serão propostas, considerando o tempo de cada criança, porém sem subestimar sua capacidade”.

Do mesmo modo da questão anterior há um consenso dos participantes, agora sobre a importância da relação entre a I.E. e a transição da educação infantil para o ensino fundamental I. Os professores 1, 3, 4, 5, 7 e 9 comentaram de diferentes maneiras que por meio da I.E. é possível haver uma harmonia no processo de transição da Educação Infantil. para as series iniciais.

Segundo a BNCC (2017) precisamos ter um olhar diferenciado para esse momento, tendo em vista que há uma mudança brusca entre uma etapa e a outra. É necessário oportunizar “[...] a integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa” (BNCC, 2017, p. 53).

A professora 6 enfatizou a quebra que muitas vezes acontece na transição da educação infantil para o 1º ano do ensino fundamental I, ao falar: “São muito valorizadas na educação infantil e quando chega no ensino fundamental há uma ruptura e as habilidades emocionais ficam como coadjuvantes no processo”.

A fala do participante é de grande valia e representa situações que observamos em muitas escolas. No primeiro ano há uma grande preocupação com a alfabetização, com o aprendizado dos sujeitos, mas não podemos esquecer da importância do lúdico, das frustrações que acontecem com frequência nessa fase e da brusca mudança entre as etapas de ensino. Precisamos preparar os alunos para esse momento, lembrar que são crianças que ainda tem dificuldades de se expressar.

Uma das estratégias pedagógicas para que essa transição não traga prejuízos no processo de aprendizagem dos sujeitos é criar práticas lúdicas que proporcionem momentos coletivos e individuais, e que permitam aos educandos momentos que enalteçam suas habilidades. De acordo com Alves (2009) o lúdico é algo que faz parte do universo infantil, algo instintivo, que traz possibilidade de fantasiar e imitar a realidade. Nesses momentos as crianças podem se sentir mais livres para se expressar.

É necessário enfatizar que quando falamos no lúdico como estratégia pedagógica, não estamos nos referindo a brincadeiras sem propósitos, é necessário que haja um objetivo, que o docente pense em práticas direcionadas a aquele público e a situações específicas, como defende Alves:

“Isso implica ir muito além de propor uma brincadeira ou jogo à criança. Exige do professor disponibilidade para viver o lúdico, para fazer do lúdico recurso efetivamente educativo. Isso significa estar disponível para acolher todo um universo subjetivo circulante no cenário ficcional constituído pela atividade lúdica (ALVES 2009, p 68).

Desse modo podemos observar o lúdico com uma importante estratégia pedagógica que possibilita as crianças uma voz, forma de se expressar, mesmo que não seja com palavras, além da compreensão da sociedade por meio das brincadeiras.

Nessa perspectiva podemos retomar a fala da(o) professor(a) 10: “Para a criança é uma nova situação vivenciada e nesse contexto tem que ser considerado as suas especialidades, considerado a presença do lúdico pedagógico e as adaptação gradativa da nova rotina e formato de atividades que serão propostas, considerando o tempo de cada criança, porém sem subestimar sua capacidade”.

Outro ponto importante que deve ser mencionado, é que cada criança tem um ritmo próprio que deve ser considerado. Compreender que todos são diferentes e possuem ritmos distintos, não significa dizer que devemos apenas propor atividades que já são do conhecimento do aluno, mas que precisamos estimular e respeitar o seu tempo, reconhecendo a sua capacidade e suas habilidades. Quando nos remetemos ao 1º ano do ensino fundamental, isso pode ser evidenciado ao observar a multiplicidade em sala de aula quanto ao processo de alfabetização.

As dimensões emocionais nas suas relações com as crianças e nas relações criança-criança

Na pergunta 6 descrita abaixo, queríamos entender como o professor percebe a relação que as crianças constroem com outras crianças e com os professores, obtivemos 9 respostas que serão apresentadas abaixo. (Quadro 04).

Quadro 04: Respostas obtidas na pergunta 6: Fale sobre as dimensões emocionais nas suas relações com as crianças e nas relações criança-criança

Professor	Resposta
1	"Minha relação com as crianças é baseada no princípio do respeito, empatia, motivação, expressão dos sentimentos para compreender e poder auxiliar no domínio dessas emoções. Acredito que, através do exemplo, consigo expandir essas ações no relacionamento das crianças com seus pares".
2	"O desenvolvimento emocional na primeira infância é importantíssimo, pois está diretamente ligado ao rumo e as escolhas que uma pessoa fará na vida adulta. Criança é como uma sementinha, que você vai cuidando até ela ficar uma árvore forte capaz de ter sua própria autonomia".
3	"Afetividade é o ponto e foco preciso ser mais observadores e sensíveis".
4	"Entendo que a relação afetiva é de suma importância no processo de ensino aprendizagem. A interação entre professor x aluno forma um habite de confiança e seguro, propício a aprendizagem, assim também como alunos entre alunos".
5	"Sei pouco sobre o assunto, mas acredito que compreender as emoções das crianças é uma parte importante do processo de ensino aprendizagem. Quanto á relação entre as crianças, as emoções são um aspecto muito relevante na construção da afetividade".
6	"A medida que amadureço minha relação com o trabalho e, conseqüentemente, com as crianças fica melhor. As interações com os alunos ficaram mais leves, compreendo melhor e tenho mais calma para lidar com as situações complicadas que de vez em quando aparecem. As crianças hoje em dia conseguem se expressar melhor, algumas tem mais dificuldade e outras mais facilidade, as conversas com eles são sempre cheias de pensamentos interessantes e elas conseguem se comunicar e sentir empatia pela dor do outro".
7	"É necessário desenvolver nas crianças o sentimento de empatia. É importante

	que eles percebam que não devemos fazer com o outro o que não queremos que façam conosco”.
8	“É necessário observar o comportamento do aluno criando um laço afetivo para que o mesmo adquira confiança no professor, tornando assim um relacionamento favorável a aprendizagem”.
9	“A dimensão que envolve suas reações as situações vivenciadas com os outros colegas, como reage as situações diferentes expressando seus sentimentos e emoções. E também a dimensão de como é orientado e consegue desenvolver a capacidade de se autocontrolar em determinada situação”.

Na pergunta acima queríamos compreender as dimensões emocionais nas relações dos professores com os alunos e como o docente percebe a relação crianças-criança, por se tratar de algo subjetivo as respostas foram diferenciadas. Isso pode estar relacionado à subjetividade dos professores, cada docente trabalha de um modo diferente, mas ainda assim, percebemos pontos comuns nas falas, entre eles estão a empatia e a afetividade como eixo nas relações construídas na instituição escolar

Ao falarmos em afetividade por vezes podemos confundir o seu significado com o termo emoções, mas precisamos compreendê-los como expressões diferentes que se integram. Wallon faz essa diferenciação ao defender que:

A emoção é sempre acompanhada de alterações orgânicas: neurovegetativas, mímica facial, postura, gestos. Já a afetividade é um conceito mais abrangente, no qual se inserem os sentimentos, em que ideias e palavras se fazem presentes, não estando acompanhados, obrigatoriamente, de alterações corporais. (WALLON, 1975 citado por ABED, 2014, p. 51).

Desse modo, Wallon defende que existem uma relação indissociável entre a afetividade e a emoção. Ao tratar do assunto na perspectiva do autor mencionado Almeida (1999) traz ainda a relação entre a afetividade e a inteligência enfatizando suas particularidades e diferenças, principalmente no que se refere as suas funções, e ainda retrata suas potencialidades quando trabalhadas de modo conjunto; “[...] quando integradas, permitem a criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados” (ALMEIDA, 1999 p 51). Nesse contexto a escola tem a missão de integrar dois elementos fundamentais na vida das crianças, o intelectual e o social.

Nessa perspectiva podemos nos remeter a fala da professora 1 sobre o convívio em sala e a importância do exemplo:

“Minha relação com as crianças é baseada no princípio do respeito, empatia, motivação, expressão dos sentimentos para compreender e poder

auxiliar no domínio dessas emoções. Acredito que, através do exemplo, consigo expandir essas ações no relacionamento das crianças com seus pares” (Participante 1).

Na fala acima percebemos a importância dada a características como o respeito, empatia e motivação, bem como a influência dos adultos, sejam eles familiares ou docentes, sobre as crianças. Nesse sentido percebemos que de nada adianta ditar uma regra e não a respeitar, dizer algo e se contradizer com ações. Na educação de crianças pequenas as atitudes podem ter um peso maior que as próprias palavras. Assim, faz-se necessário a construção de relações saudáveis com base em atitudes de respeito e empatia.

Isto posto, podemos nos remeter a fala de Abed (2014) ao retratar a aprendizagem como algo que ocorre por meio de interações. E que ao professor cabe uma tarefa valorosa, proporcionar atividades significativas considerando as relações interpessoais, de modo a atuar como mediador no processo de ensino e aprendizagem.

Outro ponto importante mencionado nas respostas é a ligação entre a autonomia e as relações construídas em sala de aula. O docente precisa criar e utilizar metodologias que ampliem a autonomia do alunado e conseqüentemente auxilie em suas habilidades socioemocionais e no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Abed (2014, p 21) “Saber expressar-se com clareza, preocupando-se com a compreensão do outro, é fundamental”.

Assim, percebemos a importância da educação continuada, ponto também mencionado nas respostas; o constante aprendizado do próprio docente, as experiências que carrega ao longo de sua trajetória e a necessidade de modificações para atender a demanda de uma sociedade que se encontra em contínua renovação, esses são apenas alguns dos aspectos que afetam diretamente o comportamento do aluno e a educação.

De acordo com Abed (2014) as constantes mudanças sociais, trazem necessidades que afetam a instituição escolar, que deve estar preparada tanto para atender as demandas sociais, quanto para auxiliar a integração do alunado a sociedade, mas nem sempre conseguimos observar isso na prática. “É urgente e necessário que os paradigmas que sustentam a prática pedagógica se adequem ao novo estudante e à nova realidade em que vivemos. (ABED 2016, P. 9).

Habilidades emocionais avaliadas nos relatórios das crianças

Na sétima pergunta, queríamos saber as habilidades emocionais avaliadas nos relatórios das crianças, para compreender como o professor avalia e se segue as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Obtivemos 9 respostas que serão apresentadas abaixo. (Quadro 05).

Quadro 05: Respostas obtidas na pergunta 7: Quais as habilidades emocionais são avaliadas nos relatórios das crianças?

Professor	Resposta
1	"Se consegue controlar suas emoções, respeitando os colegas e as regras de convivência. Expressar seus desejos, ideias de maneira coerente. Como se dá a relação que estabelece com seus pares".
2	"Atualmente são as habilidades que constam na BNCC. Aprender a agir com autonomia emocional; atuar em grupo...; Saber acatar as regras de convívio social".
3	"Sócio afetiva Comunicação - empatia+autoconfiança".
4	"A relação da criança consigo mesmo e com as outras pessoas ao seu redor".
5	"A capacidade de relacionamento com o outro, com o ambiente e com as regras de convivência".
6	"Avaliamos autonomia, capacidade de trabalhar em grupo, responsabilidade com suas tarefas".
7	"Levamos em consideração se ele respeita os colegas de sala e da escola. Se colabora com a professora e os demais funcionários da escola. Se respeita as regras estabelecidas na sala de aula e na escola".
8	"São avaliados através do desenvolvimento cognitivo, interação com colegas, professores, funcionários e a capacidade de respeitar as regras de convivência".
9	"Os sentimentos expressados na interação com a turma. Como se relaciona com os colegas e professor. Como é a participação nas atividades individuais e em grupo. Se tem dificuldade ou não de cumprir as regras estabelecidas e construídas coletivamente, dentre outros".

A pergunta acima citada foi mais pontual e por isso obtivemos respostas específicas, que em sua maioria vai ao encontro do que orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os participantes relataram que as habilidades emocionais avaliadas nos relatórios das crianças estão relacionadas ao comportamento, como as crianças convivem com seus pares, como se expressam, a sua autonomia, se conseguem respeitar as regras de convivência e sua responsabilidade para com as tarefas propostas.

A BNCC (2017, p. 8) traz em sua introdução uma definição para o termo competências, sendo ele "a mobilização dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores" necessários para o desenvolvimento do ser social. Ao explicar as habilidades ainda explica que se trata das práticas cognitivas e sociais. Ou seja, as competências estão associadas diretamente ao desenvolvimento

integral do indivíduo, visto que englobar uma série de saberes indispensáveis para o convívio em sociedade.

Alguns desses saberes foram elencados pelas professoras, e maior parte versa sobre o comportamento das crianças, mas para que possamos observar nos educando condutas consideradas desejáveis socialmente, precisamos fornecer os subsídios necessários. A BNCC (2017, p. 59), discorre sobre o assunto ao citar que é preciso trabalhar com metodologias que ampliem “a autonomia, a compreensão de normas e o interesse pela vida social”.

Quando falamos dos deveres, ou regras, que os alunos devem cumprir precisamos comentar que esses acordos devem estar pautados nas necessidades dos próprios sujeitos, com a possibilidade de uma construção conjunta que proporcione o sentimento de pertença. Ao se perceberem como parte de um grupo social, as crianças podem compreender o seu papel como coletivo e que além de deveres também tem direitos. Como defende Abed:

É fundamental que a prática pedagógica, nas instituições de ensino, resgate o prazer de dialogar, de pensar, de posicionar-se, de aprender e de ensinar. É preciso revestir os atos mentais de emoção, de vibração, de sentidos pessoais, de significados. Apenas resgatando a subjetividade no processo de ensino e de aprendizagem é que será possível garantir a verdadeira apropriação do conhecimento e sua transformação em saber. (ABED 2014, P 23).

Ao proporcionar esses espaços de escuta o professor pode fazer com que o aluno se sinta valorizado e contribuir para a relação interpessoal tanto professor-aluno, quanto aluno-aluno. Além de possibilitar que as crianças reflitam sobre as suas ações e suas consequências para o coletivo, de modo a ampliar sua visão de ser social.

Relação escola-família e Inteligência Emocional.

Na última pergunta tínhamos como foco compreender como se dá a relação da escola e da família e com a inteligência emocional. Obtivemos 9 respostas que serão apresentadas abaixo. (Quadro 06).

Quadro 06: Respostas obtidas na pergunta 8: Comente sobre a relação família e escola e suas conexões com a Inteligência Emocional

Professor	Resposta
1	É interessante promover conversas sobre as observações feitas sobre a criança para identificar suas potencialidades e traçar estratégias para o que precisa ser melhorado no que diz respeito às inteligências emocionais.

2	O espaço de aprendizagem precisa ser pensado no contexto família x escola. Esta relação proporciona a criança um melhor desenvolvimento da autonomia e responsabilidade. Gerando segurança.
3	Deveria ser de Atenção - Afeto - Paciência- Tolerância
4	A inteligência emocional de uma criança está ligada ao âmbito familiar que ela está inserida, um ambiente seguro forma uma criança segura e sociável com todos.
5	Essa relação é sempre pautada em emoções, mas nem sempre é usada a inteligência emocional para a resolução dos conflitos.
6	A escola anda junto à família e disponibiliza treinamentos e palestras para os familiares, assim como para funcionários e alunos. Esse relacionamento é importante para os pais acreditarem no processo e, junto a nós, levar ao mundo pessoas mais confiantes, empáticas e que não se frustram tão fácil com as decepções da vida, e ainda ensinar alguns adultos a reverem suas ações, principalmente no ambiente familiar.
7	O impacto da inteligência emocional colabora para uma prática pedagógica que favoreça a relação família e escola. Muitas famílias apresentam dificuldades para manter um bom relacionamento com a escola. Dessa forma é necessário que a equipe pedagógica esteja preparada para trabalhar com essas emoções negativas. Saber gerenciar essas emoções para favorecer o relacionamento família e escola.
8	É um assunto que precisa ser trabalhado constante nas escolas, uma vez que essa relação anda distante da realidade. O respeito mútuo nem sempre acontece, como também o controle das emoções por partes dos envolvidos.
9	A família precisa participar da vida escolar do filho/filha. Se comunicar com os professores para entender como ajudar no processo de ensino e aprendizagem. E também para informar sobre aspectos da criança necessário ao conhecimento do professor para trabalhar o desenvolvimento de habilidades emocionais bem como das aprendizagens escolares como um todo.

As respostas acima mostram que existe uma relação entre a Inteligência Emocional - família e escola, essas duas instituições devem tentar criar uma relação harmônica com foco no bem estar das crianças. Como mencionado nas respostas existem casos em que a escola e a família parecem falar línguas diferentes, e ainda temos situações em que há um jogo de responsabilidades, sobre de quem é a incumbência da educação da criança. Nesse caso é necessário um trabalho conjunto, a escola precisa tentar trazer os familiares para dentro da

instituição, demonstrando a importância de sua participação para a construção do processo de ensino e aprendizagem.

Devemos ressaltar que muitas vezes essa é uma incumbência atribuída unicamente ao professor, mas deve ser uma atividade da escola como instituição educacional. A escola deve “[...] transformar-se em um espaço privilegiado para estimular o desenvolvimento socioemocional dos familiares dos alunos, ampliando para a comunidade o seu âmbito de influências” (ABED, 2014, p 12).

Almeida (1999) retrata do tema e discorre sobre a responsabilidade da escola na formação integral dos educandos. Os conflitos emocionais das crianças não são exclusivos da família, eles passam um grande tempo na escola, criam relações, e também podem ocorrer desentendimentos criados na própria instituição escolar. Sabemos que as experiências e os conhecimentos vivenciados na escola, e por meio da escola, possuem um importante significado para o desenvolvimento social e afetivo da criança. (ALMEIDA, 1999. P 13)

Nessa perspectiva podemos perceber a importância da parceria entre família e escola, eles devem estar alinhados, para proporcionar aos educandos a experiências e vivências que contribuam com a construção do seu processo de ensino e aprendizagem.

Aspectos gerais da pesquisa

A pesquisa nos proporcionou perceber o ponto de vista dos professores em aspectos relacionados a Inteligência Emocional, as interações existentes no âmbito escolar e as maiores demandas, no que se refere ao desenvolvimento integral dos educandos. Ao tratar a temática percebemos que a maior parte das professoras compreendem o termo como algo relacionado a emoções e o seu controle, sendo este de grande valia para um convívio social harmonioso.

É relevante mencionar que a I.E. está relacionada as emoções, e que a repressão desses sentimentos pode acarretar diversos problemas para os educandos. Desse modo, Abed (2014) defende a importância do reconhecimento e da promoção de práticas que com foco nessas habilidades, de modo a enfatizar que ao trabalhar as habilidades socioemocionais estamos refletindo sobre o desenvolvimento integral das crianças.

De acordo com a BNCC (2017) o modo como as crianças percebem o mundo, suas experiências, vivências e contexto em que estão inseridas, influenciam a sua relação com seus pares, a construção e o fortalecimento da curiosidade, criatividade e argumentação, assim, se faz necessário refletir sobre práticas docentes que estimulem essas habilidades. A interação social e cultural proporcionam uma visão crítica sobre a sociedade, bem como o reconhecimento de si mesmo, de suas subjetividades e do outro.

É relevante mencionar a preocupação de algumas professoras quanto as mudanças bruscas entre a educação infantil e o ensino fundamental. É imprescindível que os docentes tenham um olhar diferenciado para o 1º das séries iniciais, momento em que as crianças vivem transformações em sua rotina, suas interações e no próprio processo de ensino e aprendizagem. As crianças muitas vezes, são cobradas delas comportamentos que não estão habituadas e não foram ensinadas, nesse sentido podemos pensar no lúdico como estratégia de aprendizagem que possibilita um ensino significativo, com o reconhecimento das potencialidades dos sujeitos. Abed (2014) defende que o docente precisar refletir sobre o seu papel como mediador, deve propiciar a relação e integração dos sujeitos com os objetos de conhecimento e consigo mesmo. E chama atenção para a responsabilização da educação dos alunos que deve ser compartilhada pelos docentes, escola, família até instâncias maiores como o Ministério da Educação.

Nessa perspectiva a BNCC (2017) aponta para a importância de se valorizar a integração do lúdico no processo de ensino e aprendizagem, além de reconhecer e enaltecer “as experiências vivenciadas na educação infantil”. De modo a proporcionar subsídios para que possam experimentar o mundo com um novo olhar.

O brincar é uma atividade rica em momentos emocionais. Brincando, a criança cria situações de forma a atribuir sentidos aos objetos, presentes em seu dia a dia, com o propósito de favorecer seus desejos e necessidades de forma imediata. A emoção, no plano imaginário do brincar, é uma experiência que propicia à criança compreender aquilo que caracteriza os personagens, as relações sociais e as regras de comportamento, ou seja, colabora para que a criança possa elaborar os conteúdos, recebidos do grupo social, sobre a cultura que a cerca. O sentimento e a emoção, para Vygotsky, fornecem a motivação, são a “mola propulsora” do desenvolvimento das funções psicológicas superiores e da aprendizagem. (VYGOTSKY, 1991, citado por ABED, 2014, p. 45).

Outro ponto apontado pelas professoras é a importância das relações interpessoais, as interações tanto entre professor-aluno quanto entre aluno-aluno, os vínculos criados em sala de aula podem afetar a vida das crianças e até interferir em seu desenvolvimento social. Também foram mencionados os termos afetividade, compreensão sobre si e sobre o outro, empatia e autocontrole.

Abed (2014) traz contribuições sobre a temática ao afirmar que a afetividade é responsável por situações de aprendizagem significativa. Também aponta para a importância do respeito e a confiança, sendo esses, pontos cruciais para a interação professor – aluno.

Nesse sentido Almeida (1999, p. 14) também nos possibilita refletir sobre a importância da afetividade ao defender “a escola, como espaço legítimo para a educação da criança, deveria procurar articular a união da vida afetiva com a vida intelectual para, ao mesmo tempo, nos limites das suas atividades educacionais, promover o desenvolvimento de ambas”.

Promover o desenvolvimento das habilidades socioemocionais significa realizar ações mediadoras intencionais para que o aluno construa vínculos saudáveis com os ensinantes e com os objetos do conhecimento, engajando-se com a situação de aprendizagem, revestindo os conhecimentos de sentidos pessoais, mas sem perder a dimensão dos significados adotados pela cultura, posicionando-se criticamente, com seriedade e compromisso, aprofundando, enriquecendo e ampliando o arcabouço de saberes da sociedade. (ABED 2014, P 71)

Em diversos momentos as participantes do estudo retratam a importância de se trabalhar as emoções de modo a haver um controle de suas atitudes, para que possam compreender a vida em sociedade, e a necessidade seguir certas regras de convivências. Mas devemos mencionar o cuidado que deve haver ao se tratar das normas orientadas pela escola, precisamos compreender o contexto em que os estudantes estão inseridos, suas subjetividades, bem como proporcionar momentos de fala em que eles possam se expressar e demonstrar seus anseios e desejos. E assim, possibilitar acordos que favoreçam todos os envolvidos nesse processo.

Ao falar em autocontrole Abed (2014, p. 62) cita Garcia et al. (2013, p.35) que defende "a regulação do próprio comportamento implica em autocontrole, em autonomia e responsabilidade sobre as próprias decisões e ações".

Na pesquisa fica clara a opinião e a importância dada as participantes sobre a interação social como uma das bases para o processo de ensino e aprendizagem, isto posto podemos nos remeter ao que defende Wallon

O sujeito constrói-se nas suas interações com o meio, de modo que deve ser compreendido, em cada fase do desenvolvimento, no sistema complexo de relações que estabelece com o seu ambiente. Contra simplificações, aponta a importância de se estudar a criança a partir de uma perspectiva global e dinâmica, multifacetada e original, que possa apreender sua real complexidade. (Wallon, citado por ABED 2014, P 46).

Dessa maneira percebemos a inexistência da instituição que se preocupava com a transmissão de conhecimentos, por meio de uma educação bancária. Atualmente se faz necessário repensar as práticas pedagógicas para que abarquem os aspectos necessários para o desenvolvimento do ser integral.

Isto posto, podemos nos remeter a fala de Abed (2014) que discorre sobre um dos vieses da escola, " é no espaço educacional que, na sociedade atual, os valores de igualdade de direitos, de justiça, de respeito pelas diferenças e de inclusão devem ser cultivados a partir de uma ação educativa democrática e igualitária" (2014, p 20).

Por fim, precisamos mencionar um dos temas relatados pelos professores que sempre acarretam discussões, a relação família e escola, que estar pautada no respeito e parceria, em que

os envolvidos compreendam as suas responsabilidades e possam contribuir para o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Considerações Finais

O tema Inteligência socioemocional é um campo vasto que possibilita diversas problematizações, assim, nesse estudo nos limitamos a compreender como os docentes percebem a influencia da I.E. em turmas do 1 ano do ensino Fundamental I. A pesquisa nos permitiu conhecer um pouco sobre a perspectiva desses profissionais que atuam ou atuaram diretamente com crianças na fase da alfabetização, de modo a observar equivalências em suas falas, seja dos docentes que trabalham em escolas públicas ou dos que laboram no ensino privado. Isso nos mostra que há um consenso sobre a educação socioemocional, as relações criadas na escola, por parte dos professores, alunos, famílias e comunidade escolar, bem como as suas nuances.

Por meio dos discursos fica evidente o destaque incorporado ao tema, sobretudo em uma sociedade que está cada vez mais célere, o que acaba por influenciar tanto no comportamento das crianças como na educação, que deve sempre se transformar de acordo com a necessidade social. De modo a apreender a importância do tema para as crianças pequenas, principalmente nessa transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I.

É relevante mencionar que o termo Inteligência Emocional é algo relativamente novo, mas as ações educativas voltadas para o socioemocional das crianças é algo que já vem sendo desenhado há algum tempo. Não é necessário que haja uma disciplina específica para se trabalhar o tema, é possível e deve ser desenvolvido de modo interdisciplinar. Aqui também cabe mencionar que o sistema de educação bancária, dividida em disciplinas que não se conversam já está defasado, faz-se necessário que as práticas pedagógicas perpassem as diversas "matérias" a fim de tornar o ensino significativo.

Este estudo nos permite refletir sobre a relação entre as emoções e a educação, e como podem interferir na maneira como os educandos convivem com seus pares, com a percepção e respeito ao outro, concatenado à uma educação estimulada e concreta, e, ainda, a necessidade de um ensino multidisciplinar, lúdico que perceba os educandos como sujeitos de direitos, com foco no desenvolvimento integral das crianças.

Referências

ABED, A. L. Z. A afetividade no desenvolvimento da criança, contribuições de Henri Wallon. **Revista Inter Ação**, v. 33, n. 2, p. 343-357, 2008.

ABED, A. L. Z. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. **Construção psicopedagógica**, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016.

ABED, A. L. Z. O **desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. São Paulo: 2014.

ALMEIDA, A. R. S. **Emoção Na Sala de Aula (a)**. Papyrus Editora, 1999.

ALVES, F. D. O lúdico e a educação escolarizada das crianças. In: OLIVEIRA, ML., org. **(Im)pertinências da educação: o trabalho educativo em pesquisa** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 193 p.

BEZERRA, Emanuella de Moura. Formação de leitores e o processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Caparaó**, v. 1, n.2, e8, 2019.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, F. T.; ALMEIDA, A. R. S.; MOZZER, G. N. S. Linguagem e afetividade: a construção subjetiva da professora em suas narrativas. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 26 – n. 1, p. 137-154, Jan./Abr. 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. A educação é a base. Brasília: MEC, SEB, 2017.

BRASIL. **Referenciais curriculares nacionais para Educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUENO, J. G. S. Função social da escola e organização do trabalho pedagógico. Editora da UFPR. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 101-110. 2001.

CÂMARA, Joanita Torres Arruda. Escolarização de alunos surdos no cotidiano escolar. **Revista Caparaó**, v. 2, n.1, e17, 2020.

CARDOSO, Lorena Tamillys Silva. A afetividade na relação professor e aluno com TEA na educação infantil. **Revista Caparaó**, v. 1, n.2, e9, 2019.

COSTA, Vaniele Barbosa da. Inclusão escolar: os processos de escolarização de alunos com Síndrome de Down. **Revista Caparaó**, v. 1, n.1, e1, 2019.

DANTAS, Eva Lorena Azevedo. A contação de história na Educação Infantil e a formação de leitores. **Revista Caparaó**, v. 1, n.2, e12, 2019.

FINCO, D.; OLIVEIRA, F. A sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. (Orgs.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FONSECA, Dalanna Carvalho da. Educação socioemocional no RN: diálogos sobre práticas pedagógicas pós-BNCC. **Revista Caparaó**, v. 1, n.2, e11, 2019.

GOLEMAN, D. **Trabalhando com a inteligência emocional**. Tradução de M. H. C. Côrtes. Editora objetiva. 1999.

GOMES, Ana Karla Ferreira de Santana Rosa. A sala de recursos multifuncionais e a escolarização de um aluno com TEA. **Revista Caparaó**, v. 1, n.1, e4, 2019.

LIMA, J. CP et al. Relação interpessoal, inteligência emocional: impacto ou influência no processo ensino aprendizagem na visão docente. *Revista Espacios*, v. 41, n. 11, p. 13-25, 2019.

LOPES, Iara Rayane Ribeiro. Desenvolvimento social e afetivo na primeira infância: concepções de professoras. **Revista Caparaó**, v. 2, n.2, e24, 2020.

MARQUES, Jácia Veranilza de Lira. Contribuições das atividades lúdicas para o ensino e aprendizagem na educação infantil. **Revista Caparaó**, v. 1, n.2, e10, 2019.

MATIAS, José Carlos. O Atendimento Educacional Especializado – AEE nas escolas do Município de São José do Campestre – RN. **Revista Caparaó**, v. 1, n.1, e3, 2019.

MELO, Carla Caroline Silva de. Estratégias pedagógicas direcionadas ao aluno com autismo no ensino fundamental. **Revista Caparaó**, v. 1, n.1, e5, 2019a.

MELO, Patrícia Nelly Soares de. Escolarização de surdos em Santo Antônio/RN: concepções dos professores. **Revista Caparaó**, v. 1, n.1, e2, 2019b.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SANTOS, Aline Cavalcanti dos. Práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos: A leitura como prática social. **Revista Caparaó**, v. 2, n.1, e16, 2020a.

SANTOS, João Fidelis dos. A afetividade e as relações dos professores e alunos com deficiência: concepções docentes. **Revista Caparaó**, v. 2, n.1, e18, 2020b.

SILVA, B. D., BARDINI, R. R., MOURA, S. L., GUEDES, V. F. & BELLINO, Z. K. Indisciplina e Violência na Escola. **Trabalho de conclusão de curso**. 52p. UniCEUB, Brasília-DF. 2005.

SILVA, Gabriella Maia da. A inclusão de autista nas salas de aulas normais: desafios e possíveis maneiras de vencê-los. **Revista Caparaó**, v. 1, n.1, e6, 2019.

SOARES, M. B.; BATISTA, A. A. G. **Alfabetização e Letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa**: Estudando como as Coisas Funcionam. São Paulo: Editora Penso. 2011.

TESSARO, F.; LAMPERT, C. D. T. Desenvolvimento da inteligência emocional na escola: relato de experiência. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, 2019.